



GOVERNO DE
MATO GROSSO
ESTADO DE TRANSFORMAÇÃO

Governo do Estado de Mato Grosso

José Pedro Gonçalves Taques
Governador

Secretaria de Estado de Planejamento

Marco Aurélio Marrafon
Secretário

Secretaria Adj. de Inf. Socioeconômicas, Geog. e Indicadores

Reinhard Rammingner
Secretário-Adjunto

Superintendência de Est. Socioeconômicos e Geográficos

Antônio Abutakka
Superintendente

Coordenadoria de Estudos Socioeconômicos

Vallência Maíra Gomes
Coordenadora

Equipe de Conjuntura Econômica

Breno Augusto de Barros Antunes
Eduardo Matsubara
Elienai Carrias da Silva
Gilberto Moreno
Guillermo Hel Azanky Barrios Beserra
Júnior José Amorim
Kelliton Rodrigues de Souza

Colaboração

Cedilson Nogueira Cunha
José Francisco Ourives

BOLETIM
DE
CONJUNTURA ECONÔMICA
DE
MATO GROSSO

SUMÁRIO

1. PANORAMA INTERNACIONAL	2
2. PANORAMA NACIONAL	2
3. PANORAMA DE MATO GROSSO	5

APRESENTAÇÃO

O boletim de Conjuntura Econômica de Mato Grosso, elaborado pela equipe da Coordenadoria de Estudos Socioeconômicos da SI/SEPLAN, tem por objetivo apresentar quadrimestralmente o desempenho a economia mato-grossense fornecendo subsídios, de forma geral a sociedade e, em especial, aos gestores públicos na elaboração de políticas públicas para o planejamento do estado.

Está entre as competências da SEPLAN-MT realizar estudos econômicos e atribuiu a CES, dentre outras, elaborar e disponibilizar estudos sobre a conjuntura socioeconômica do estado.

Os indicadores aqui apresentados refletem um acompanhamento da economia mato-grossense e os dados analisados referem-se a Agropecuária, Indústria, Comércio Varejista e Serviços, que contribuem para o cálculo do Produto Interno Bruto, e são complementados com os dados do Mercado de Trabalho, Comércio Exterior e Arrecadação Estadual.

Para a elaboração deste documento foram utilizadas, principalmente, as pesquisas do IBGE (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física, Pesquisa Mensal do Comércio, Pesquisa Mensal de Serviços); do Ministério do Trabalho e Emprego (Cadastro de Empregados e Desempregados); da Secretaria de Comércio Exterior.

CONJUNTURA QUADRIMESTRAL DE MATO GROSSO

1. PANORAMA INTERNACIONAL

O comércio mundial, após a crise econômica de 2008 que resultou em queda nas transações mundiais, retomou seu crescimento em 2014, porém em ritmo desacelerado. Em 2014, o comércio mundial atingiu aproximadamente US\$19 trilhões.

No entanto, o comércio mundial retraiu em 2015 atingindo, segundo dados do Banco Mundial, aproximadamente US\$16,5 trilhões, cerca de 13% inferior a 2014, indicando um desaquecimento do comércio mundial. É evidente uma desaceleração/estabilização do comércio mundial desde 2012.

Destaca-se que a balança comercial da China reflete a queda no comércio mundial com a diminuição da dinâmica do setor externo chinês. Em 2015, as exportações chinesas (US\$ 2,27 trilhões) tiveram uma queda de 3% e as importações (US\$ 1,68 trilhões) de 14%, em relação a 2014, cujo ano já mostra sinais de retração.

O setor externo brasileiro também contribuiu para a retração mundial em 2015. As exportações brasileiras atingiram US\$191 bilhões em 2015, nível mais baixo em quatro anos. Em 2011, a exportação brasileira, que foi de US\$256 bilhões, atingiu ponto de inflexão, invertendo a tendência de elevação, e passa a cair. Em 2014 as exportações brasileiras ficaram abaixo das importações, refletindo em déficit na balança comercial.

Segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI), o crescimento da economia mundial atingiu 3,1% em 2015, uma retração 0,3 pontos percentuais em relação a 2014, cujo crescimento foi de 3,4%.

Em 2015, o crescimento da economia mundial foi alavancado pela persistência da retomada da economia dos Estados Unidos (em 2,5%) e da economia europeia (em 1,5%), além da economia chinesa que, embora desacelerada, apresentou crescimento considerável de 6,9%. Nesse contexto, a economia brasileira apresentou uma queda acentuada de -3,8%.

A retomada de crescimento da economia dos Estados Unidos e a política de elevação das taxas de juros dos títulos americanos (0,125% em 2014 para 0,375% em 2015; aumento de 0,25 pontos percentuais) tem resultado numa valorização do dólar em nível mundial em relação a outras moedas, inclusive o real.

Segundo o FMI, está previsto crescimento de 3,4% da economia mundial para 2016 e crescimento de 3,6% para 2017, o que representa um reaquecimento da economia global. Apesar de o comércio mundial ter decrescido em 2015, tomando como base as previsões da economia mundial, pode-se afirmar que o comércio mundial retomará seu crescimento em 2016 e 2017.

2. PANORAMA NACIONAL

Produto Interno Bruto (PIB) – apresentou queda de 1,4% na comparação do quarto com o terceiro trimestre de 2015, considerando a série com ajuste sazonal. Comparando ao quarto trimestre de 2014, houve retração de 5,9% no último trimestre de 2015. No acumulado dos quatro trimestres de 2015, o PIB encerrou com recuo de 3,8% em relação a 2014.

Em valores correntes, o PIB brasileiro no quarto trimestre de 2015 alcançou R\$ 1,531 trilhões, sendo R\$ 1,313 trilhões referentes ao Valor Adicionado a preços básicos e R\$ 218,0 bilhões

aos Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios. A taxa de investimento no ano de 2015 foi de 18,2% do PIB, abaixo do observado no ano anterior (20,2%). A taxa de poupança foi de 14,4% em 2015 (ante 16,2% no ano anterior).

No quarto trimestre de 2015, comparado à mesmo período de 2014, houve recuo da Indústria (-8,0%) e Serviços (-4,4%). Houve contração da Formação Bruta de Capital Fixo (investimentos) em -18,5%, influenciado pela queda das importações, da produção interna de bens de capital e da construção. A Despesa do Consumo das Famílias também registrou queda (-6,8%), explicado pela deterioração dos indicadores de inflação, juros, crédito, emprego e renda ao longo do período. A Despesa de Consumo do Governo reduziu -2,9%.

O FMI prevê, para 2016, decrescimento de -3,5% e crescimento zero para 2017, ou seja, a partir de 2018 que o PIB brasileiro pode retornar a apresentar taxa positivas de crescimento, isso dependendo das políticas econômicas a serem adotadas até esse período.

Produção agropecuária – o Valor Bruto da Produção (VBP) Agropecuária de 2016 está estimada em R\$ 515,240 bilhões, segundo projeção do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. O VBP das lavouras está previsto em R\$ 338,628 bilhões (5,51% superior a 2015) e da pecuária em R\$ 176,612 (-0,52% inferior a 2015).

As previsões da produção agrícola nacional da safra 2015/16 são de aumentos de 4,89% (soja), 3,77% (cana-de-açúcar) e 8,68% (feijão), e reduções de 1,58% (milho), 3,5% (algodão) e 7,73% (arroz), comparados à safra anterior segundo a CONAB.

Indústria - A produção industrial nacional sofreu retração de -9,8% em fevereiro/2016 comparada a fevereiro/2015. Entre os estados pesquisados, as maiores quedas ocorreram em Pernambuco (-26,2%) e no Amazonas (-25,0%).

Segundo o acumulado nos últimos 12 meses, os resultados da indústria brasileira mostram queda de -9,0% em fevereiro/2016. Nessa base de comparação, as atividades industriais que apresentaram maiores retrações, em fevereiro/2016, foram Fabricação de equipamentos de informática (-31,1%), Fabricação de veículos (-26,7%) e Impressão e reprodução de gravações (-17,8%).

Comércio e Serviços – O comércio varejista do Brasil, conforme a Pesquisa Mensal do Comércio do IBGE, registrou variação negativa do volume de vendas em -4,2% em fevereiro/2016 comparado a fevereiro/2015. Entretanto, a receita nominal de vendas no comércio varejista apresentou aumento de 7,3% para o mesmo período. É importante salientar que o volume de vendas do comércio varejista, no acumulado de 12 meses, vem apresentando resultados negativos desde maio/2015.

O setor de serviços do Brasil, conforme a Pesquisa Mensal de Serviços do IBGE, registrou variação negativa do volume de serviços em -4,0% em fevereiro/2016 comparado a fevereiro/2015. Entretanto, a receita nominal de serviços apresentou aumento de 1,9% para o mesmo período.

Mercado de Trabalho – Segundo os dados da CAGED-MTE, foram destruídos no Brasil 99.694 empregos formais em janeiro/2016 e 104.582 empregos em fevereiro/2016. No ano de 2015, considerando os ajustes da CAGED entre admitidos e desligados, foram destruídos

1.550.435 postos de trabalho (saldo), ou seja, mais de 1,5 milhões de pessoas desligadas do emprego formal.

A taxa de desocupação, no país, das pessoas de 14 anos ou mais de idade atingiu 8,97% no último trimestre de 2015, quando em 2012 a taxa de desocupação foi de 6,86%. Esse indicador representa àquelas pessoas de 14 anos ou mais de idade que estão disponíveis ao mercado de trabalho e estavam desocupadas na semana de referência, conforme a PNAD/IBGE.

Inflação – o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) encerrou 2015 em 10,67%, outrora em 2014 fechou em 6,41% e 2013 em 5,91%.

Dívida – A dívida pública brasileira alcançou em dezembro/2015 patamar de 66,5% do PIB e tão logo em fevereiro/2016 está em 67,6% do PIB. Isso se deve por conta do descompasso entre aumento das despesas (com despesa de pessoal, déficit previdenciário, empréstimos subsidiados via bancos públicos, gastos com construções vinculadas ao setor imobiliário e da construção civil em obras públicas) em relação a receita proveniente da arrecadação tributária, ocasionado déficit nominal.

Crise econômica e fiscal – A crise econômica e fiscal no Brasil tem sido puxada principalmente por estados da federação específicos, que estão **com** altas dívidas líquida acompanhados de queda na arrecadação de ICMS. São eles: **São Paulo** (dívida de R\$212,84 bi e arrecadação ICMS 2015/2014 em -3,74%), **Rio de Janeiro** (dívida de R\$93,54 bi e arrecadação ICMS 2015/2014 em -5,85%), **Minas Gerais** (dívida de R\$92,4 bi e arrecadação ICMS 2015/2014 em -6,90%) e **Rio Grande do Sul** (dívida de R\$64,39 bi e arrecadação ICMS 2015/2014 em -2,69%).

Considerações – O Brasil vive um processo de contração devido sua política de expansão monetária, e já está em recessão. A inflação reduz cada vez mais o poder de compra do real. Tanto os casos de melhora da economia dos EUA quanto a “piora” da China, afetam negativamente o Brasil.

A China, principal parceiro comercial do Brasil, vive também um processo dos efeitos negativos de sua expansão monetária, conseqüentemente, seu consumo tenderá a ser menor; que a depender da relação câmbio (Dólar/Real) devem demandar menos commodities brasileiras (ferro e soja), reduzindo suas importações das mesmas.

Os efeitos artificiais da política expansionista no Brasil já se exauriram, restando alto endividamento público e das famílias, aumento da inadimplência, desemprego e fechamento de empresas.

A real causa da inflação é o próprio governo, devido ao uso de medidas de elevações de impostos em conjunto a emissão de títulos da dívida como meio para financiamento de seu orçamento deficitário. Tal mecanismo prejudica qualquer retomada a uma trajetória de crescimento.

Caso o governo federal adote uma nova rodada de incentivo ao consumo, a priori, poderá alcançar algum efeito sutil de elevação do PIB, entretanto, após curto período de tempo esse efeito meramente artificial cessará. As conseqüências finais da escolha dessa política econômica serão seguidas pela elevação dos índices da taxa de inflação, aumento do

endividamento, aumento da inadimplência e desvalorização cambial. Ou seja, uma piora econômica geral.

As incertezas externas ao Brasil para 2016 e 2017 estão em torno da retração da China e da base monetária instável dos EUA. As incertezas internas ao Brasil estão na instabilidade da condução política no país, possibilidade de impeachment do presidente da república, expectativas pessimistas e incertas para investimento.

3. PANORAMA DE MATO GROSSO

Comércio Exterior

Conforme a Secretaria Nacional de Comércio Exterior, os primeiros meses do ano indicaram, para Mato Grosso, um reaquecimento do comércio exterior do estado. Houve um aumento do valor exportado em 14,99% em janeiro/2016 comparado ao janeiro anterior. Em fevereiro/2016 a variação foi de 106,59% em relação ao mesmo mês de 2015. Em março/2016 a variação também foi positiva (29,85%) considerando março/2015.

Assim, nesse primeiro trimestre houve uma variação positiva de 42,90% no valor exportado, que pode indicar, mantida essa demanda inicial, um aceno positivo para o comércio exterior mato-grossense em 2016. A China, no primeiro trimestre do ano, elevou suas importações de Mato Grosso em 30,3% em relação ao primeiro trimestre/2015. Destaca-se ainda a forte elevação das importações feitas pelo Japão.

Mato Grosso exportou, em 2015, cerca de US\$ 13 bi, equivalendo a 6,8% das exportações brasileira. Mato Grosso segue destacando como maior produtor de soja, milho e algodão, os quais são os produtos de maior destaque na pauta de exportação do estado.

As exportações mato-grossenses apresentaram uma retração de -12% em 2015 em relação a 2014, que já havia apresentado uma queda de -6%. Isso se deve principalmente a redução dos valores da importação chinesa, devido principalmente às quedas dos preços das commodities internacionalmente. As importações também caíram -25% em 2015.

As exportações de Mato Grosso concentram-se principalmente em produtos primários, correspondendo a 95% das exportações em 2015 e 5% foram de produtos industrializados. Assim, Mato Grosso se caracteriza pela exportação de produtos primários.

Entre os principais países importadores da produção de Mato Grosso em 2015, China (3,8 bilhões) se destaca como principal parceiro, seguida de Indonésia (776 milhões), Holanda (723 milhões), Vietnã (661,6 milhões) e Irã (636 milhões).

Setor Primário

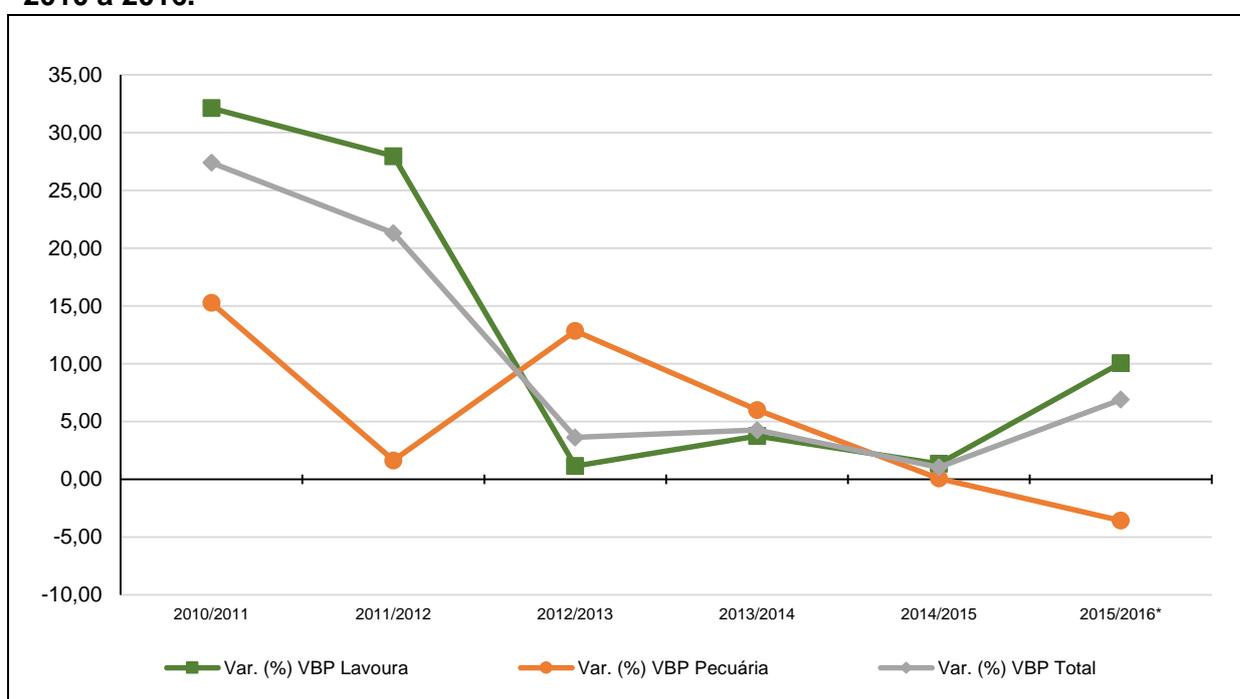
Em 2013, a participação do VAB da agropecuária no VAB total de Mato Grosso foi de 23,5%. Considerando a nova metodologia do IBGE para cálculo do PIB, o crescimento real do VAB da agricultura mato-grossense foi de 64,6% no período 2010-2013 e das atividades de produção florestal, pesca e aquicultura foi de 86,3%. Contudo, o VAB da pecuária apresentou decréscimo real de -7,7%.

Quanto ao valor bruto da produção (VBP), Mato Grosso tem alcançado valores crescentes nos últimos seis anos. Em 2010 representava R\$ 39,678 bi, sendo o quarto maior VBP do Brasil, e em 2015 o VBP-MT ultrapassou R\$ 67.488 bi, tornando-se o maior VBP do território nacional. Em 2016, as primeiras estimativas alcançam o valor de R\$ 71.576 bi.

Apesar do êxito do crescimento do faturamento bruto dos estabelecimentos agropecuários, este vem ocorrendo a taxas decrescentes. Em 2011, o VBP total do estado cresceu 27,40% (a maior variação do período), já em 2015 este crescimento foi de 1,05%. Mas, espera-se um aumento de 6,90% em 2016, comparado ao ano anterior. O VBP de Mato Grosso representou, em 2015, 13,43% do VBP do Brasil. Sendo que, do total do VBP mato-grossense em 2015, 76,76% referem-se à agricultura e 23,24% à pecuária.

Segundo a CONAB, as primeiras previsões para a safra 2015/16 são de aumento para a produção do algodão herbáceo (em caroço) (0,43%) e da cana de açúcar (0,06%) em relação à safra anterior. Foram estimados redução na produção de soja em 2,01% em relação à safra recorde anterior e do milho em 2,4%.

Ilustração 1. Variação Percentual anual do Valor Bruto da Produção de Mato Grosso, 2010 a 2016.



Fonte: MAPA, 2016.

Elaboração: CES/SEGE/SI/SEPLAN.

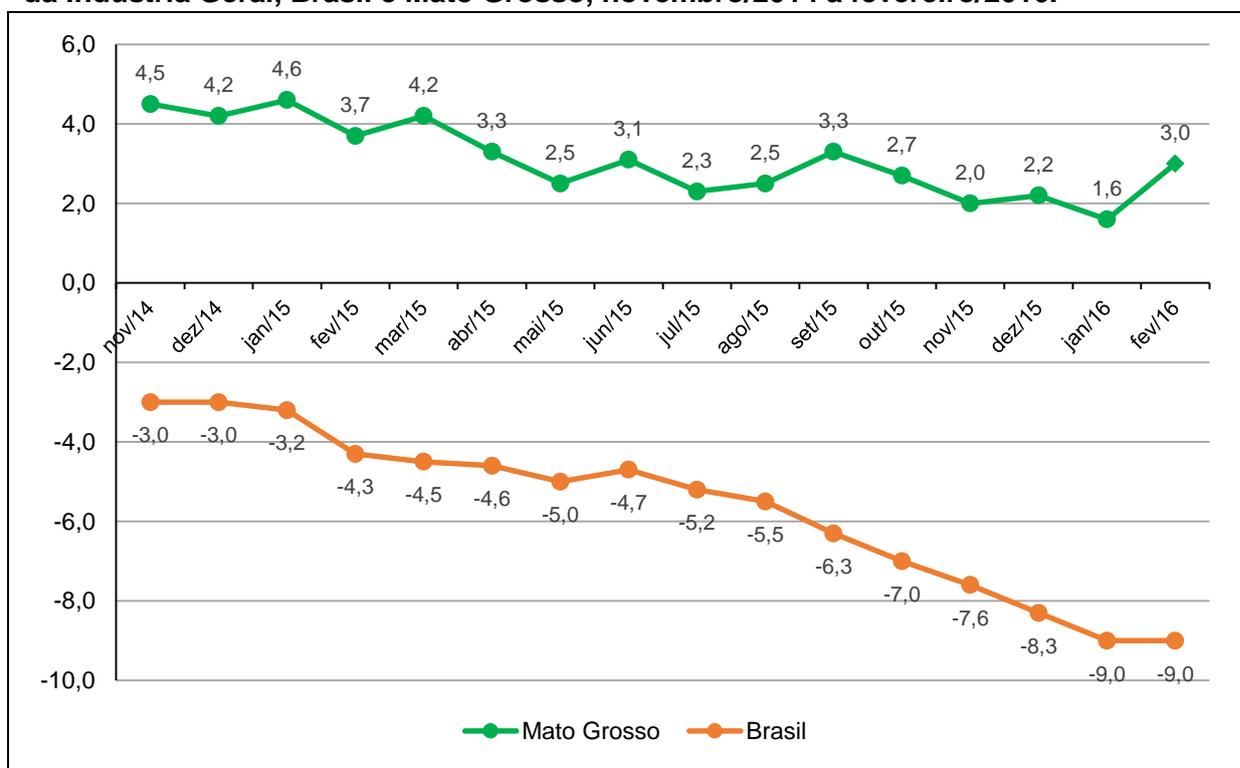
Indústria Geral, Indústria Extrativa e de Transformação

A produção industrial física de Mato Grosso, medida pela Pesquisa Industrial Mensal do IBGE, aponta crescimento de 18,1% para a indústria geral mato-grossense em fevereiro/16 comparada a fevereiro/15. O crescimento industrial de Mato Grosso foi impulsionado, em grande parte, pelo comportamento positivo da Fabricação de Produtos Alimentícios e da Fabricação de Biocombustíveis.

Na comparação com fevereiro de 2015, o principal resultado negativo ficou com a atividade de fabricação de produtos minerais não-metálicos, influenciado pelo desaquecimento da construção civil. Os resultados da indústria mato-grossense, segundo o acumulado nos últimos 12 meses, mostram comportamento oposto à média nacional.

A indústria de Mato Grosso, apesar de reduzir seu ritmo de crescimento, ainda segue em expansão. O desempenho da indústria mato-grossense tem mostrado forte resiliência a crise da qual atravessa a indústria nacional.

Ilustração 2. Variação Percentual Acumulada nos últimos 12 meses da Produção Física da Indústria Geral, Brasil e Mato Grosso, novembro/2014 a fevereiro/2016.



Fonte: IBGE/PIM-PF, 2016.

Elaboração: CES/SEGE/SI/SEPLAN.

Comércio

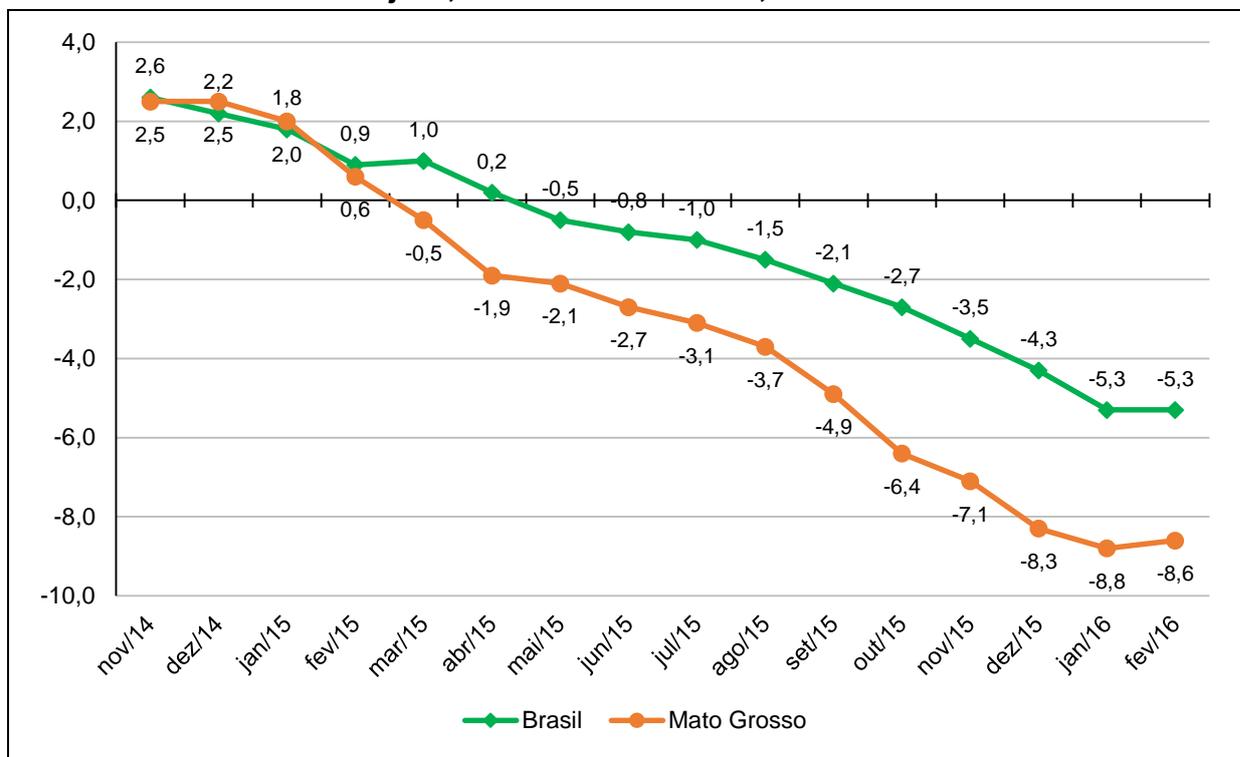
O comércio varejista de Mato Grosso, conforme a Pesquisa Mensal do Comércio do IBGE, registrou variação negativa do volume de vendas em -5,5% em fevereiro/2016 comparado a fevereiro/2015. É importante salientar que o volume de vendas do comércio varejista, segundo o acumulado dos últimos 12 meses, vem apresentando resultados negativos desde março/2015.

Em contrapartida, a receita nominal de vendas no comércio varejista apresentou aumento de 5,6% comparando fevereiro/2016 com mesmo mês em 2015. No acumulado de 12 meses, a receita nominal de vendas apresentou os resultados negativos em dezembro/15, janeiro e fevereiro/16. Considerando a média nacional, o comércio varejista mato-grossense apresenta resultados negativos inferiores.

Considerando a Pesquisa Anual do Comércio do IBGE, no período 2010-2013, o comércio varejista apresentou taxa média de crescimento anual de 19,96% e o comércio atacadista de 32,29%. Em 2013, enquanto a receita bruta de vendas do comércio varejista de Mato Grosso foi de R\$ 25,733 bi, a receita bruta de vendas do comércio atacadista foi de R\$ 49,669 bi. Ou seja, as vendas no comércio varejista equivalem, aproximadamente, a metade do comércio atacadista.

Percebe-se, portanto, que o comércio varejista mato-grossense é relativamente menor ao comércio atacadista, e assim sendo não se pode tomar somente a pesquisa mensal do comércio varejista para avaliar o setor de comércio do estado.

Ilustração 3. Variação Percentual Acumulada nos últimos 12 meses do Volume de Vendas no Comércio Varejista, Brasil e Mato Grosso, novembro/2014 a fevereiro/2016.



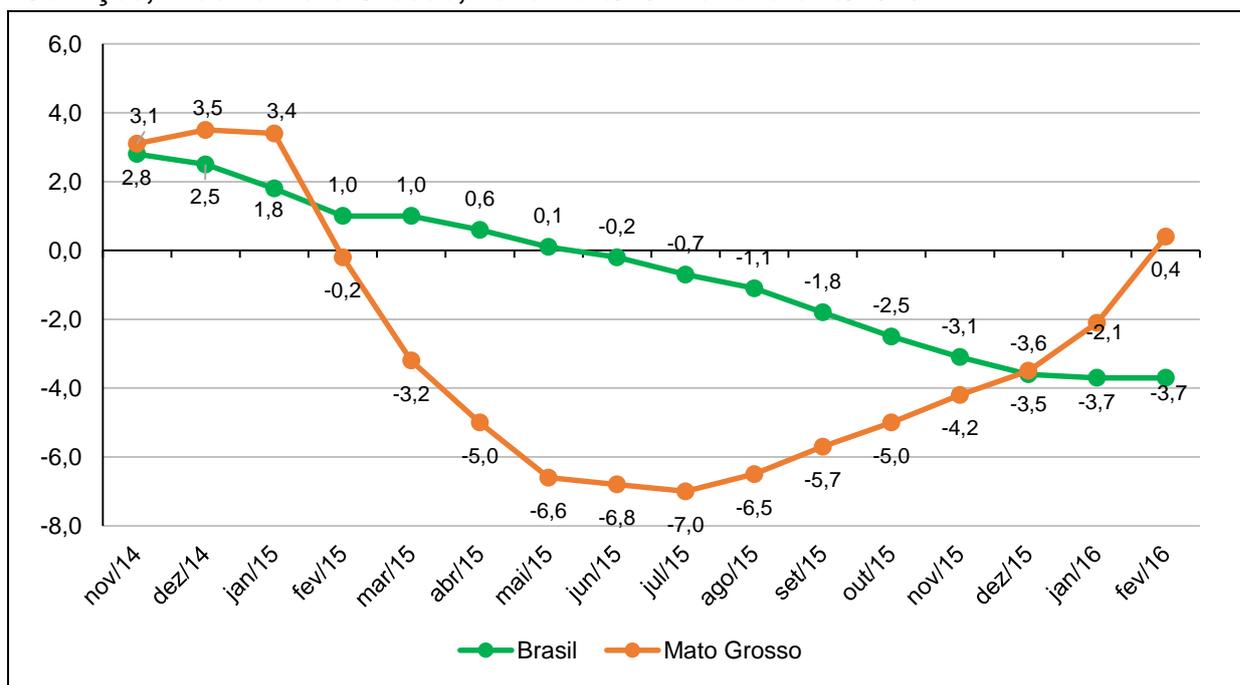
Fonte: IBGE/PMC, 2016.
Elaboração: CES/SEGE/SI/SEPLAN.

Serviços

O setor de serviços em Mato Grosso, conforme Pesquisa Mensal de Serviços do IBGE, registrou variação positiva tanto de volume quanto de receita nominal em fevereiro/2016 quando comparado a fevereiro/2015. Nessa base de comparação, o volume de serviços aumentou 8,2% e a receita nominal de serviços cresceu 16,2% em fevereiro/2016.

Considerando o acumulado dos últimos 12 meses, o volume de serviços mato-grossense veio apresentando sinais de decrescimento desde janeiro/2015 e resultados negativos a partir de fevereiro/2015. O volume de serviços retomou seu desempenho e com resultados positivos em fevereiro/2016, apresentando aumento de 0,4% em comparação aos 12 meses anteriores.

Ilustração 4. Variação Percentual Acumulada nos últimos 12 meses do Volume de Serviços, Brasil e Mato Grosso, novembro/2014 a fevereiro/2016.



Fonte: IBGE/PMS, 2016.
Elaboração: CES/SEGE/SI/SEPLAN.

Empregos

Segundo os dados divulgados pelo Cadastro Geral de Emprego e Desemprego do Ministério do Trabalho (CAGED-MTE), foram criados 6.900 empregos formais em Mato Grosso em janeiro/2016, sendo o estado brasileiro a gerar o maior número de postos de trabalhos dentre cinco estados (SC, RS, PB, PR) com saldo positivo. Neste mês os empregos gerados foram superiores 9,2% em relação a janeiro/2015.

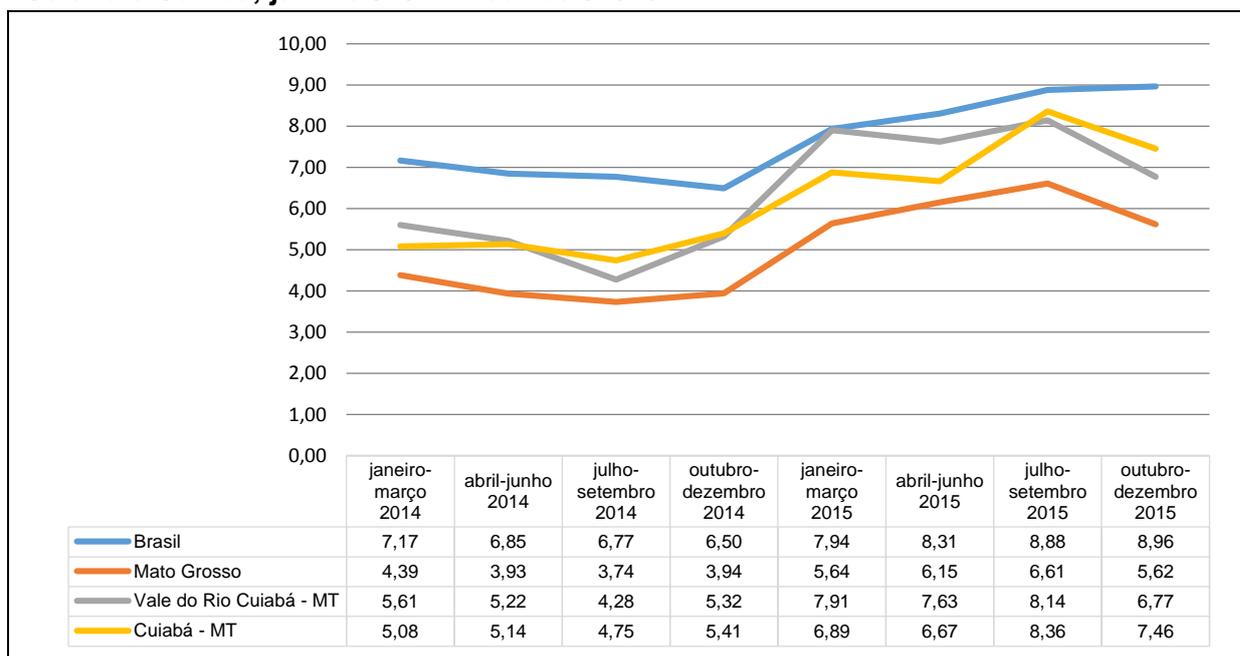
No mês de fevereiro/2016, foram criados 3.683 empregos formais em Mato Grosso, sendo o terceiro estado a criar mais postos de trabalho dentre seis estados brasileiros (RS, SC, GO, MS, TO). Apesar disso, os empregos criados em Mato Grosso em fevereiro/2016 foram inferiores a fevereiro/2015 (-2,86%).

Os empregos criados em janeiro e fevereiro/2016 foram motivados pelos novos postos de trabalho na agropecuária mato-grossense (5.854 e 2.815 empregos, respectivamente) e no comércio atacadista (1.001 e 932 empregos, respectivamente). Em contrapartida, os setores com maiores números de desligamento nos dois meses foram o comércio varejista e fabricação de produtos têxteis.

Considerando o desempenho dos empregos pela perspectiva da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral (PNAD) do IBGE, o número de ocupados (pessoas de 14 anos ou mais de idade) em Mato Grosso cresceu a uma taxa média de 0,41% ao ano entre o primeiro trimestre/2012 e o último trimestre/2015. Enquanto, nesse mesmo período, no Brasil a taxa média crescimento foi de 0,31% ao ano.

No último trimestre (outubro a dezembro/2015), a taxa de desocupação de Mato Grosso foi de 5,62% e do Brasil, bem acima, ficou em 8,96%. Essa taxa mostra àquelas pessoas de 14 anos ou mais que estão ofertando sua mão de obra no mercado de trabalho (população economicamente ativa) e não conseguiram empregar-se na semana da pesquisa.

Ilustração 5. Taxa de Desocupação (Desemprego) do Brasil, Mato Grosso, Vale do Rio Cuiabá e Cuiabá, jan-mar/2014 a out-dez/2015.



Fonte: IBGE/PNAD CONSTÍNUA, 2016.

Elaboração: CES/SEGE/SI/SEPLAN.

Finanças Públicas Estaduais: Arrecadação do ICMS

As receitas públicas correntes de Mato Grosso no primeiro bimestre de 2016, comparativamente ao mesmo período de 2015, apresentou desempenho real negativo (-4,85%). O ICMS de Mato Grosso, no mesmo período, teve um crescimento real de 3,94%, enquanto que as transferências correntes apresentaram uma retração de -6,28%.

Os impostos de competência da União arrecadados em Mato Grosso, em janeiro de 2016 comparativamente ao mesmo período de 2015, houveram: queda de 11,52% na arrecadação do IRPJ e alta de 14,36% no IRPF. O IRPJ caiu em razão da queda da renda das empresas, enquanto o IRPF aumentou em função do aumento do número de contribuintes que passaram a arrecadar o imposto. A Contribuição Social sobre o Lucro Líquido teve uma queda real de 4,45%, confirmando um menor ritmo da atividade econômica das empresas.

Verifica-se o aumento da arrecadação do principal tributo estadual, o ICMS, e uma retração das transferências correntes da União para o Estado de Mato Grosso, comprometendo, ainda que modestamente, a realização das receitas correntes do Estado.

Dessa forma, é possível inferir que as receitas realizadas a partir dos tributos estaduais se realizaram de maneira satisfatória no primeiro bimestre/2016. Portanto, o Estado de Mato Grosso vem sendo afetado (suas receitas) pela queda das transferências correntes da União, apesar de fortemente contribuir para o equilíbrio das contas externas brasileiras.

Considerações: Efeito câmbio e prognósticos

No contexto de comércio exterior cabe ressalva econômica ao efeito do câmbio desvalorizado tanto para compra quanto para venda dos produtos mato-grossenses.

Para venda, um câmbio desvalorizado resulta em preços mais atrativos no mercado mundial por conta do poder de compra maior do dólar em relação ao desvalorizado real, bem como do

preço menor das commodities no mercado mundial em função do atual fortalecimento mundial do dólar.

Já para compra, em contraponto, para aquisição de insumos e para manutenção da atividade produtiva nacional um câmbio desvalorizado torna os preços mais caros dado a inflação de preços interna e também se reflete num poder de compra menor do real frente ao dólar, tendo em vista que muitos insumos (maquinaria, ferramentas, combustíveis, produtos de refino químico, componentes e equipamentos eletrônicos, fertilizantes etc.) são adquiridos de outros países.

Assim, desta forma, no médio e longo prazo esse jogo de forças tem, em caso da manutenção de um câmbio desvalorizado a continuidade de preços elevados de modo geral na economia brasileira (consequência dos aumentos dos custos de produção) em detrimento de relativo ganho de poucos empresários em setores dispersos.

Tal situação é, em síntese, de relativa ambiguidade tributária estadual tendo em vista que a arrecadação de ICMS pode aumentar (em função do aumento das vendas de commodities e de possíveis elevações nos preços dos combustíveis). Entretanto, os preços do comércio e do varejo devem se manter, podendo se elevar ainda mais, dada a situação de desarranjo econômico nacional e deterioração cambial dos termos de troca, o que implica na tendência de redução de consumo, manutenção ou aumento da taxa de desemprego e fechamento de empresas.

Em termos de custeio da administração pública estadual esse conjunto de fatores não implicam num cenário muito otimista no médio prazo, tendo em vista que repasses da União, que complementariam os gastos orçados, podem não se realizar. A continuidade de certa austeridade é ponto fundamental para manutenção das despesas obrigatórias e manutenção de alguns investimentos. Nesse contexto de incerteza, a razão e a lógica econômica devem prevalecer diante a especulação e pressões ideológicas por aumentos de gastos públicos e aumento de impostos.